

A CURIOSIDADE EPISTÊMICA JORNALÍSTICA E A NARRATIVA AUTORAL¹ Journalistic Epistemic Curiosity and the Authorial Narrative

SONIA REGINA SOARES DA CUNHA²
Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec - SP)

CREMILDA CELESTE DE ARAÚJO MEDINA³
Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP

Resumo

Esta revisão de literatura busca refletir sobre os escritos teóricos da profa. Dra. Cremilda Medina, em especial sobre a pluralidade de narradores e inovações teóricas necessárias à construção de um cosmo de sentidos teóricos-empíricos. Para Medina, a narrativa jornalística autoral ganha vida quando o jornalista-autor avança além do código linguístico à outros códigos da observação experiência sociocultural. Como possibilidade estimuladora do desenvolvimento da narrativa autoral esta investigação destaca a curiosidade epistêmica jornalística. O estudo dos documentos científicos sobre o tema permite considerar que a estimulação da curiosidade epistêmica poderia ampliar o discernimento informativo e com o apoio da memória sensível ajudaria a elaborar o mapa imagético da narrativa não verbal de segunda ordem, base da narrativa autoral.

Palavras-chave: Teoria e Epistemologia do Jornalismo. Narrativas da Contemporaneidade. Curiosidade Epistêmica Jornalística. Cremilda Medina.

Abstract

This literature review seeks to reflect on Dr. Cremilda Medina's the theoretical writings: the plurality of narrators and theoretical innovations necessary for the construction of a cosmos of theoretical-empirical meanings. For Medina, the authorial journalistic narrative comes to life when the author-journalist moves beyond the linguistic code to other codes of observation, sociocultural experience. As a stimulating possibility for the development of the authorial narrative, this investigation highlights the journalistic epistemic curiosity. The study of scientific documents on the subject allows us to consider that the stimulation of epistemic curiosity could broaden informative discernment and, with the support of sensitive memory, would help to elaborate the imagistic map of the second-order non-verbal narrative, the basis of the authorial narrative.

Keywords: Theory and Epistemology of Journalism. Contemporary Narratives. Journalistic Epistemic Curiosity. Cremilda Medina.

¹ Este estudo acadêmico foi desenvolvido durante a elaboração da minha tese (PPGCOM-USP, 2020) sob orientação da profa. Dra. Cremilda Medina, tendo sido apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, pesquisadora e professora na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec-SP). Doutora em Ciências da Comunicação pelo PPGCOM - ECA da Universidade de São Paulo. E-mail: reginacunha.phd@gmail.com.

³ Jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É autora de 20 livros e organizou 55 coletâneas nas áreas de comunicação, jornalismo e literatura. Dedicar-se a formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da USP. Tem como principal linha de pesquisa a Dialogia Social e os desafios paradigmáticos do Saber Plural: a perspectiva do ato presencial, abertura à complexidade, signo da relação e pedagogia dos afetos; tendo como finalidade a teoria e prática da reportagem (narrativas da contemporaneidade). E-mail: medinase@usp.br

Breve cartografia do invisível

Somos cerca de 203 milhões de brasileiros, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (CABRAL, 2023, s. p.), no dia 28 de junho de 2023. Desse total, cerca de nove milhões de pessoas estavam desempregadas (desocupadas) no primeiro trimestre de 2023, sendo que, aproximadamente quatro milhões se encaixam no perfil desalentado⁴ (IBGE, 2023). Muitos jornalistas brasileiros passaram a fazer parte desse total de desempregados, segundo dados do *Poder 360*, por exemplo, no Departamento de Jornalismo do Grupo Globo cerca de 40 funcionários foram demitidos em abril de 2023. O fenômeno da demissão em massa é mundial, principalmente nas empresas *big techs*, as grandes plataformas digitais informacionais. (COIMBRA, 2023, s. p.). Um dos pontos mais debatidos trata da remuneração dos jornais pelas plataformas, o que aumenta a pressão por regulação no setor em todo o mundo. “À medida que mais pessoas obtêm suas notícias online, o jornalismo se tornou mais disperso e desvinculado das instituições que o produzem, dos anunciantes que o financiam e do público que precisa dele.” (RADSCH, 2022, p. 1, tradução nossa⁵). Enquanto as empresas de jornalismo lutam com a falta de orçamento as plataformas digitais se tornam cada vez mais ricas e integradas no cotidiano das pessoas. Diante do fato, alguns países estão testando algumas medidas para regular a questão que atinge o mundo inteiro. Não há unanimidade, além disso o problema “também envolve direitos de autor, copyrights, definições sobre uso justo, remuneração decente, conflitos trabalhistas, entre outros”, observa Rafael Evangelista (2023), coordenador do estudo sobre a *Remuneração do Jornalismo pelas Plataformas Digitais*. O estudo tem o aval do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI e alerta para o fato de que a manutenção da sociedade democrática está relacionada com a realização de um bom jornalismo. A elaboração de um conjunto de regras através de uma parceria entre a sociedade e as autoridades faz-se necessário e é uma ação premente, pois aumenta a cada dia a disseminação dos discursos de ódio, a informação falsa, e as ameaças contra as crianças no

⁴ “Pessoas que desistiram de procurar emprego depois de se candidatarem a diversas vagas e não serem chamadas sequer para a entrevista”. (LIMA et al., 2018, s. p.).

⁵ No original: “As more people get their news online, journalism has become more dispersed and untethered from the institutions that produce it, the advertisers that fund it, and the public that needs it.”

ciberespaço.

É um problema socioeconômico pouco divulgado pela própria mídia e que está a afetar o *ethos* e o *habitus* do jornalismo. Esse conflito provoca o desequilíbrio das regras deontológicas do jornalismo que se confundem com as normas estratégicas de um capitalismo automatizado e cartelizado que, ao invés de estimular a livre concorrência empresarial e o exercício da democracia cidadã, enseja uma visão unilateral do mundo intensificada pela pós-verdade, ou pelo fato alternativo.

Toda essa carga cognitiva afeta o invisível jornalista que deixa de pensar coletivamente na responsabilidade social do exercício profissional. Diante desse cenário, o jornalista assodadamente, trabalha para investigar formas de desmentir ou desmascarar o fato alternativo divulgado pela fonte oficial, em detrimento da elaboração das narrativas autorais. Cada vez mais, especialmente na redação telejornalística, os dados estatísticos disponibilizados na Internet preenchem as laudas com infográficos, cujos textos sonorizados são editados a partir de imagens de arquivo ou gráficos coloridos cuidadosamente elaborados para suprimir a vez e a voz do cidadão, eventualmente, revelada através de poucos caracteres que contém as hashtags (#), categorias indicativas do telejornal onde o telespectador vive meio segundo de fama.

A adaptatividade do telespectador ao novo processo interativo, via redes sociais, parece fluir sem interrupções: “vou enviar mensagens sempre, porque assim um dia meu nome aparece na telinha”. Mas, o fluxo adaptativo perde a força do outro lado, ou seja, para quem vive a prática na redação de TV, o processo de aquisição das novas habilidades exige tempo e dedicação, em especial para dominar os novos softwares de edição, ou manejar novas câmeras, ou ainda acionar as telas gigantes de *touch screen* para apresentar a previsão de tempo, ou outra arte interativa.

Assim, como os computadores com softwares de textos substituíram os revisores na FSP no final da década de 1980, hoje a Inteligência Artificial já consegue substituir motoristas e operadores de telemarketing, profissões consideradas em extinção dentro de dez anos. “As profissões que provavelmente, não vão desaparecer tão cedo incluem envolvimento com seres humanos, ou profissões que dependam de atividades coletivas e em grupo, ou seja, a nossa

habilidade de se relacionar com outras pessoas.” (LEMOS, 2017, online). Por mais que as faculdades de jornalismo tentem preparar o aluno para uma atuação profissional atualizada ao mundo contemporâneo, as modificações curriculares parecem ser inócuas e superficiais ao privilegiar o aperfeiçoamento técnico - o empreendedorismo e o desenvolvimento de aplicativos de vídeos noticiosos - em detrimento do incentivo ao debate coletivo e à leitura crítica da experiência jornalística cotidiana.

Num país com um número reduzido de emissoras de TV abertas, cuja concessão pelo governo federal premia os aliados políticos, a universidade poderia tentar oferecer ao aluno a vivência prática telejornalística, de maneira a incentivar o aumento de produções videográficas noticiosas independentes. Na obra *Profissão Jornalista: Responsabilidade Social* (1982) Cremilda Medina observa: “É preciso atacar os sistemas formais de educação de comunicadores (universidades e cursos) e transformar a experiência pedagógica ultrapassada (unidirecional) numa prática comunicacional efetiva.” (MEDINA, 1982, p. 287). Acelerar a aquisição de conhecimento e dispersar as etapas iniciais pode impedir a formação de uma sólida base capaz de gravar na memória a longo prazo do futuro jornalista o prazer pela busca do conhecimento, estimulando assim, um jornalismo cuja ação transformadora seria capaz de abarcar a essência dos acontecimentos e interesses da sociedade.

O jornalista que trabalha com reportagem televisiva em geral precisa acomodar a curiosidade epistêmica ao tamanho das respostas (sonoras) que serão editadas de acordo com a quantidade de tempo de cada reportagem. A sugestão das perguntas em geral vem da pauta, com base na leitura dos portais de notícias online, releases, fontes, enfim. Os algoritmos de busca por notícias ganham cada vez mais lugar de destaque nas redações jornalísticas. Há uma imensa oferta de dados (*big data*): informações certificadas por fontes institucionalizadas do poder; estatísticas locais/nacionais/globais avalizadas por organizações governamentais/não governamentais; infográficos; textos; videoreportagens com ou sem áudio; enfim. A agilização da disponibilização da informação promove a aceleração da aquisição da notícia, e possibilita a geração de lucros para os proprietários das empresas de comunicação. A partir do cadastramento de algumas palavras-chave, os consumidores podem obter as notícias sobre

determinados assuntos, assim que elas estiverem disponíveis, em qualquer plataforma. Mudou o conceito de jornal. Hoje dá para comprar só uma notícia, nova ou antiga, ou um pacote avulso sobre um determinado acontecimento. Há algum tempo, o público tenta ditar a agenda do dia, através dos *likes*, *downloads* e da própria produção textual/foto-videográfica, contudo os grupos de leitores/telespectadores/políticos se fecha em torno daqueles que concordam entre si mesmos, e com ajuda da tecnologia. Assim que o usuário entra na rede social o algoritmo sugere vídeos, leituras, amigos disponíveis para contactar, ou seja, a oferta de respostas começa antes da curiosidade elaborar as perguntas.

Em tempos de perguntas pré-fabricadas e respostas algoritmizadas como fica a epistemologia do jornalismo? A superficialidade do conteúdo, a redução da informação para adequação ao espaço da tela do computador, ou tablete, ou celular, podem estar adequadas à estratégia de gestão do empregador, mas comprometem o exercício epistêmico do ser jornalista. Uma rotina desenhada pelo determinismo tecnicista e suportada pelo materialismo cultural pode enfraquecer a curiosidade epistêmica jornalística ao induzir à perfeição da forma, em detrimento do conteúdo autoral nas narrativas da contemporaneidade.

Presencialmente, a observação através dos sentidos humanos, enriquece a narrativa porque estimula a cognição, que é a maneira humana de compreender o mundo e atuar nele. É preciso estar acordado para que a cognição esteja ativa e faça o cérebro orquestrar um conjunto de habilidades mentais e processos que integram o conjunto de ações humanas. A abrangência do estar e agir presencialmente estimulada pela curiosidade epistêmica injeta adrenalina na criatividade, estrutura neurologicamente a percepção sensorial do fazer e vivenciar o tempo presente, com pinceladas estratégicas da memória a longo prazo e do infinito “sentir com a imaginação” (PESSOA, 1997). As ofertas algorítmicas extemporâneas não conseguem satisfazer a curiosidade epistêmica sentida pelo jornalista quando tem uma motivação para escrever uma narrativa noticiosa, em forma de informação estruturada. Não se trata de tamanho de reportagem, pois uma grande reportagem pode estar concentrada em poucas e bem escritas linhas. Leitores há, que se queixam de textos longos ou curtos, mas que não são interessantes. Existe notícia interessante? Notícia completa? Uma narrativa não precisa abarcar tudo sobre um acontecimento, pois outros ângulos

podem vir da “liberdade do leitor para completar os vazios”. (MEDINA⁶, 2014b). Uma narrativa na medida da estimulação da curiosidade do outro.

É preciso entrever possibilidades interrogantes e permitir o “ensaio de compreensões abertas, ao invés das certezas das explicações reducionistas” [...] A narrativa jornalística, a “leitura do real que conduz o ato simbólico de interpretação do repórter” (MEDINA, 2013, p.44) é um ensaio compreensivo possível dos fatos.

Ao iniciar a aventura pela escrita reveladora do acontecer contemporâneo o jornalista/autor deve ser “capaz de harmonizar a ação transformadora, a racionalidade complexa, a intuição sensível e sintética” (MEDINA, 2017) permitindo ao cérebro fluir livremente, como em um holograma, ou hélice genômica, ou uma viagem criativa a partir do “gesto da arte”.

O “gesto da arte” (MEDINA, 2003) é um exercício epistêmico combinatório entre a prática da reportagem e o convívio com a arte que permite uma visão compreensiva do mundo, através das “criaturas sensíveis da sociedade, os artistas”. (MEDINA, 2003, p.62). O fluxo contínuo das camadas criativas se intercalam entre si, interagem entre o autor/criador e narrador/criatura. A intuição sensível atiza a curiosidade epistêmica e inspira a produção de narrativas como uma solução autoral para a falta de diversidade/profundidade na cobertura jornalística contemporânea. A notícia algorítmica, principalmente, a que reproduz o fato alternativo não é solução, é soluço: aparece do nada, incomoda, pode não ter fundamento, e contagia. Mas, como fazer para que as pessoas leitores/telespectadores se interessem por fatos não inventados, ou cheios de informações dúbias e estereotipadas? É preciso humanizar as narrativas, porque é na interação social que o exercício da criação se concretiza, “em presença, pela racionalidade ética, a técnica competente e a estética transformadora. [...] Na educação e no jornalismo, a interação e a recepção constituem um mistério a desbravar para além das técnicas gramaticalizadas”. (MEDINA, 2016). O jornalismo autoral revela-se a partir da curiosidade epistêmica como uma emoção inspiradora para uma escrita autoral plural que acontece no *insight* da intuição sintética, se estrutura com o aprofundamento da racionalidade complexa e mantém a

⁶ Sinval Medina.

coerência conceitual através da sustentação da ação transformadora.

2. Revisão de Literatura

Para esta revisão de literatura, além dos trabalhos desenvolvidos pela profa. Dra. Cremilda Medina, também apresento algumas obras que tratam sobre a curiosidade epistêmica com foco no jornalismo, a saber: 1) *De Relationibus Novellis*⁷ (PEUCER, 1690 *apud* ATWOOD; DE BEER, 2001); 2) *Investigative Journalism* (DE BURGH, 2000); e 3) *Journalism Curiosity and Storytelling Frame* (GRUNWALD; RUPAR, 2009).

A análise feita Peucer (1690, p. viii *apud* ATWOOD; DE BEER, 2001, p. 488) aponta a curiosidade humana como um dos motivos para o surgimento do periódico impresso, contudo, o autor também destaca o interesse financeiro daqueles que vendiam os jornais. Três séculos depois da pesquisa feita por Peurce esta conexão entre as notícias como artefato cultural e mercadoria comercial voltou a ocupar a atenção de estudiosos como Habermas (1989) e Stevenson (1995).

Há mais de duas décadas quando o professor de teoria da mídia, Hugo de Burgh, da University of Westminster (Reino Unido) escreveu o livro *Investigative Journalism (Jornalismo Investigativo)* (2000) ele já revelava preocupação com a nova configuração do espaço redacional que exigia o desenvolvimento de múltiplas habilidades pelos profissionais jornalistas. No Brasil, em algumas emissoras de TV aberta, alguns jornalistas modificaram a perspectiva do exercício da profissão - do Departamento de Jornalismo para o Setor de Entretenimento -, o que lhes permite testemunhar em anúncios publicitários dentro dos programas de tevê (*merchandisings*). Para De Burgh (2000) o termo jornalismo investigativo se tornou um destaque do marketing empresarial na cobertura dos fatos como se fosse um diferencial da cobertura praticada apenas pela empresa comunicacional que adota o *slogan*. “Gostaria de ver o termo jornalismo investigativo ser rejeitado como uma tautologia, afinal todos os jornalistas deveriam ser investigativos.” (PILGER, 1999 *apud* DE BURGH, 2000, p. 20, tradução nossa⁸).

⁷ *De Relationibus Novellis, On News Reporting, Estudo sobre o Jornalismo* - considerada a primeira tese sobre reportagem jornalística, escrita em latim por Tobias Peucer, Universidade de Leipzig, Alemanha, 1690.

⁸ No original: “[...] would like to see the term investigative journalist rejected as a tautology since all journalists should be investigative.”

O artigo *Journalism Curiosity and Storytelling Frame (Curiosidade jornalística e enquadramento da narrativa)* de Grunwald e Rugar (2009) analisa a produção de sentido da narrativa jornalística na imprensa australiana e dinamarquesa a partir de dois conceitos: “curiosidade jornalística” e “narrativa noticiosa”. A narrativa noticiosa é analisada a partir de duas componentes: a) enquadramento - que nomeia a componente epistemológica, conecta a nova informação com o conhecimento existente, e b) angulação - que nomeia a componente organizacional, determina como a informação será estruturada na narrativa. O conceito curiosidade jornalística foi testado nas duas componentes.

Para Grunwald e Rugar (2009, p. 3, tradução nossa) “a curiosidade jornalística ajuda a atravessar e modificar os limites estruturais da narrativa⁹”, a partir da avaliação pessoal e íntima do jornalista, permitindo encontrar aquilo que é essencial e que “vale a pena enfatizar ou excluir”. Os desafios da curiosidade epistêmica parecem ser mais facilmente enfrentados com maleabilidade por uma mente aberta e humilde; enquanto o conservacionismo repetitivo de conceitos e de frases de efeito impermeabilizam a estrutura intuitiva sintética.

Um exemplo da experiência sensitiva intuitiva está na observação feita por John Mill (1882, p. 224) sobre a primeira etapa da Revolução Industrial (1760-1860), período em que a Inglaterra implantou fábricas de tecidos de algodão, com o uso do tear mecânico. Em uma delas trabalhava um funcionário conhecido pela excelência de seu trabalho como tingidor de tecidos. Um fabricante escocês cobriu o alto salário do tingidor e conseguiu levá-lo para ensinar a habilidade de produzir cores, cuja transparência e delicadeza encantava a todos. Entretanto, o método do tingidor para medir as quantidades das tintas - o segredo dos efeitos coloridos que ele produzia nos tecidos - era colocar as tintas em punhados com as próprias mãos. O dono da fábrica pediu para que ele utilizasse uma balança, pois considerou o método de medir com as mãos um tanto incerto. Mas, o tingidor se sentiu incapaz de sistematizar tecnicamente a execução do processo, e impossibilitado de transmitir sua extraordinária habilidade a outra pessoa. A partir da própria experiência individual, o tingidor tinha organizado conexões intuitivas em sua mente, entre os delicados efeitos de cor e a percepção tática dos punhados

⁹ No original: “[...] curiosity tends to cross or modify the structural limits of such a story, providing it with an internal and personal evaluation of what is essential and worth emphasizing.”

de tinta. A seleção inteligente a partir de uma estimativa intuitiva impediu a lógica da padronização controlada.

O estudo de John Mill (1882) sugeria que a emissão de pareceres tinha se tornado um grande negócio, especialmente sobre fatos que a pessoa não havia observado pessoalmente. E, dava como exemplos, o negócio do magistrado, do comandante militar, do navegador, que tratavam de fatos em si importantes para seus interesses, ou para suas ocupações, e meramente julgavam as evidências para tentar agir em conformidade com o chamado de suas obrigações. (MILL, 1882). Em tempos de vida acelerada e de algoritmos redatores, aumenta a armadilha lógica na elaboração de notícias, relatórios, pareceres, a partir de citações nem sempre confirmadas: fulano disse, ciclano afirma, o teórico x atesta.

No jornalismo brasileiro contemporâneo a fala oficial abafou a voz da sociedade e os números das estatísticas institucionalizadas massacra a vez do povo. Sem vez e voz do Outro a narrativa autoral perde a aproximação, observação e experiência que dão vida ao “signo da relação”.

O exemplo de Mill (1882) revela que a habilidade intuitiva pode transcender a capacidade lógica. Enquanto a lógica padroniza e estrutura na rotina do dogmatismo, rigidez, preconceito; o fluxo contínuo da intuição é essencial para a abertura dos sentidos: atenção, curiosidade epistêmica, flexibilidade.

A flexibilidade corporal pode ser obtida através da prática do alongamento muscular. Se a curiosidade fosse um músculo, haveria um alongamento mental que permitisse pensar além do enquadramento da pauta? Desafiar a curiosidade epistêmica jornalística pode ajudar a expor as verdades em conflito e permitir vivenciar o “signo da relação” (MEDINA, 2007).

2.1 O signo da relação

Sobre a componente enquadramento da narrativa jornalística Cremilda Medina sugere que, ao se deparar com o essencial que precisa ser enfatizado o jornalista deve buscar apoio dentro da história e sair da imposição do enquadramento do objeto da pauta, o que tornará possível a “peça de autoria, a narrativa de autoria”. (MEDINA, 2015 *apud* BATISTA, 2015). Entre as noções epistemológicas das *Narrativas da Contemporaneidade* Medina sugere “a interação sujeito-sujeito” (2003, p. 135), ou seja, enquanto o enquadramento

ditado pela pauta apenas enxerga o entrevistado como o objeto de um relato, o jornalista-autor se relaciona com o Outro como parceiro da aventura contemporânea.

Na viagem pelo mundo vivo, os cinco sentidos se articulam para despertar a intuição criativa, decidem o caminho solidário e enriquecem o juízo de valor. Falando assim, parece teoria abstrata, conceitual. Mas não. Essas noções emergem na experiência da reportagem ou, como agora nomeio, o signo da relação. (MEDINA, 2007, p.18).

Há quatro décadas e meia, Cremilda Medina lançou a obra *Notícia: um produto à venda* (1978), onde distingue a “notícia simples de poucas linhas”, da grande reportagem, a “narrativa autoral”, que oferece ao leitor um texto com profundidade, cujo conteúdo informativo mantém o equilíbrio estilístico através “da contemplação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, da pesquisa histórica de antecedentes, e da busca do humano permanente no acontecimento imediato”. (MEDINA, 1978, p. 134).

Ao se permitir, como jornalista, refletir sobre o cotidiano da vida através, e com o auxílio da lente do Outro, em todas as suas manifestações, o mundo da vida transparece vividamente. A narrativa autoral é um amplo quadro interpretativo de um fato e transcende os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal. Para Medina a *acontecência* sociocultural do signo é um daqueles marcos da história da USP (1999 a 2006) quando ela integrou a ação prática e a aplicação teórica da Comunicação Social através da Agência de Notícias, do Jornal impresso/online, da Revista, do Rádio e da TV Universitária, ao revelar à sociedade os caminhos da pesquisa científica, ao mesmo tempo em que a ciência vivenciava o diálogo social com a sociedade.

Cremilda [Medina] percebe que a crise não é um fenômeno restrito às altas esferas do conhecimento, como anunciou Thomas Khun. [...] Conceitos como evolução, progresso, causa e efeito, ordem e caos, previsibilidade e tantos outros que pautam o comportamento cotidiano das pessoas não são dados de realidade, mas construções simbólicas. (MEDINA¹⁰, 2014a, p.12).

Em várias obras, como, por exemplo, *A Arte de Tecer o Presente* (2003), *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos* (2008) e *Atravessagem* (2014), entre outras, Cremilda Medina revela as bases criativas que

¹⁰ Prefácio escrito por Sinval Medina.

estruturam a “epistemologia do diálogo social”. A prática pedagógica da educadora nos laboratórios das salas de aula da USP estimula nos alunos o sensorio-corporal-mental, num processo crescente de estruturação humano-intelectual, que explode o intuitivo-cognitivo-experiencial, ao mesmo tempo, implode o lógico-analítico-tecno, e num átimo, vice-versa. “No laboratório [com os alunos] o que mais enriquece o modelo é a direta correlação com a realidade profissional.” (MEDINA, 1978, p. xvii). Há mais de quatro décadas, Cremilda Medina lê, ouve, assiste e debate com os alunos: textos científicos inter e transdisciplinares às Ciências Sociais, notícias de jornais e revistas, obras de arte, filmes, literatura, música, ensaios, crônicas e notas, de sua autoria, de outros jornalistas, de autores consagrados e desconhecidos. Uma ampla arte-vídeo-docu-biblioteca organizada diacronicamente, cuja efervescência sincrônica, decidida por ela, pincela epistemologicamente fatos históricos, evolução sociocultural, quebras de paradigma e, em especial, a compreensiva solidariedade afeto-profissional.

Cremilda Medina dá um sentido prático às coisas que ensina.

Palavras são só palavras, ou não.

Um dicionário cheio de palavras e significados, não consegue sozinho elaborar uma narrativa, embora tenha todas as palavras necessárias para tal.

É preciso vivenciar as palavras através dos sentidos e emoções para compreender e sentir suas representações simbólicas numa narrativa.

2.2 O erro de Descartes

“Antes de pensar é preciso sentir”, propõe Cremilda Medina (2008, p.32), como o fez António Damásio no livro *O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*.

Ao clássico “penso, logo existo”, decorrente do método para se aproximar da verdade divina, o cientista português do século XXI contrapõe: “E para nós, no presente, quando vimos ao mundo e nos desenvolvemos, começamos ainda por existir e só mais tarde pensamos.” (DAMÁSIO, 1994 *apud* MEDINA, 2008, p.33-34).

Os estudos de Damásio revelam que a emoção aciona uma resposta imediata para determinados desafios e oportunidades encontrados pelo organismo na vida cotidiana, enquanto o sentimento dessa emoção aciona um alerta mental. Damásio (1994) denominou o estudo “hipótese do marco-somático” cuja base é a

combinação da memória, linguagem e consciência. “A aparência da emoção pode ser simulada, mas o modo como os sentimentos são sentidos não pode ser copiado em uma peça de silício”. (DAMÁSIO, 2000, p. 397).

Para este artigo escolhi a obra *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si* (2000), porque apresenta a essência do processo mental humano para a criação de uma narrativa. Uma narrativa que podemos vivenciar sem lápis, sem papel, sem teclado, sem tela, sem dedo, sem letras, sem palavras, enfim, só a narrativa lá dentro, em nossa mente humana, em especial, a do(a) jornalista.

Narrativa que António Damásio denomina de “narrativa não verbal de segunda ordem”, talvez um rascunho do texto que ainda vamos escrever com palavras, e que será a narrativa de terceira ordem. Essa é uma incrível capacidade humana, a de transformar esse conteúdo especulativo - melodia, imagem, sentimento - em linguagem, num piscar de olhos.

Em adição à história que exprime o ato de conhecer e o atribui ao recém-cunhado self central, o cérebro humano também gera automaticamente uma versão verbal da história. Não tenho como impedir essa tradução verbal, e você tampouco. O que é acionado na trilha não verbal de nossa mente, o que quer que seja, é rapidamente transformado em palavras e sentenças. (DAMÁSIO, 2000, p. 239).

62

As emoções exercem um papel central na cognição social e no processo de elaboração de uma rápida e eficaz tomada de decisão. Através do recurso da memória e da linguagem do sujeito, a consciência percebe o novo conhecimento permitindo a elaboração de uma narrativa não verbal de segunda ordem. A organização dessa narrativa poderia ser um mapa imagético (de imagens não visuais), desenhado pela consciência, com sinais sensoriais emitidos pelo “sômato-sensitivo” (tato, sensação de temperatura, dor, muscular, visceral e vestibular), pelo paladar, pela visão, pelo olfato, pela audição.

A tarefa de produzir imagens nunca cessa enquanto estamos acordados e continua até mesmo durante parte do nosso sono, quando sonhamos. Poderíamos dizer que as imagens são a moeda corrente de nossa mente. As palavras que estou usando para que estas idéias cheguem até você são formadas primeiramente, embora brevemente e sem grande precisão, como imagens auditivas, visuais ou sômato-sensitivas de fonemas e morfemas, antes de elas serem implementadas na página em sua versão escrita. (DAMÁSIO, 2000, p. 404).

Como no sistema neurobiológico a criação da narrativa autoral poderia ser

considerada uma história imagética que valoriza as emoções, se nutre da memória ativada pela curiosidade epistêmica com embasamento do conhecimento perceptivo.

Considerações Finais

Há mais de uma década os cientistas do laboratório de Inteligência Artificial da Brown University, Estados Unidos, estudam a curiosidade humana, porque ela é o “coração da inteligência”. (KONIDARIS, 2017).

Estudos revelam que a curiosidade pode ser de dois tipos: a) perceptual (todos os animais) e b) epistêmica (humana). A perceptual é evocada em animais e humanos por estímulos visual, auditivo ou tátil. A curiosidade epistêmica vai além, porque busca compreender as coisas e preencher os vazios do conhecimento, como se estivesse faltando uma peça no quebra-cabeças da vida. (BERLYNE, 1954).

A curiosidade epistêmica não é o ato de supor, porque ela é tenaz e vem com força para aprofundar o conhecimento sobre um tema, uma pessoa, um acontecimento, a partir de uma atenção estabilizada e sustentada, desde o disparo motivacional que origina o desejo de conhecimento. (SCHMITT; LAHROODI, 2008). Em alguns casos, há uma tendência natural da curiosidade humana em favor de temas de interesse prático, contudo, para Schmitt e Lahroodi (2008) a curiosidade epistêmica favorece novas visões de mundo porque, dinamicamente, ultrapassa as fronteiras dos interesses individuais e, progressivamente, permeia a atenção de uns com outros. É essa relação com o Outro que Cremilda Medina preza tanto, porque sem ela o jornalista fala de si para ninguém.

A criação de narradores, uma vez que estes não se confundem com o autor, responde ao impulso dialógico, e não ao autoritarismo monológico. As cenas que compõem a dramaturgia narrativa nascem da percepção viva de quem foi ao mundo e não se fechou na couraça dos que não viram, não cheiraram, não tocaram, não ouviram nem degustaram - aqueles relatos preconceituosos que sabem de antemão o que vão descrever. (MEDINA, 2003, p.143).

Aquisição e transmissão do conhecimento, tarefa complexa para educadores e jornalistas. Como incentivar a curiosidade epistêmica do jornalista ou do aluno diante da grande oferta de *fast answer* que não sacia a fome de conhecimento? A curiosidade jornalística epistêmica é a habilidade que o cérebro

tem, ao se defrontar com um conhecimento novo, de recorrer à memória e ativar a emoção para a elaboração de perguntas. E se curiosidade epistêmica é uma habilidade importante para o jornalista, a memória parece ser sua melhor parceira.

Referências

ATWOOD, Roy; DE BEER, Arnold. The Roots of Academic News Research: Tobias Peucer's "De relationibus novellis" (1690). *Journalism Studies*, London: Taylor & Francis, v. 2, n. 4, p. 485-496, 2001. Disponível em: <http://bitly.ws/NxSx> Acesso em: 2 jul. 2023.

BATISTA, Raphaele. Cremilda Medina. Entrevista. Nem imparciais, nem objetivos, mas cúmplices. *Jornal de Hoje*. Fortaleza: O Povo, Páginas Azuis, 31 ago 2015. Disponível em: <http://bitly.ws/N5C8> Acesso em: 2 jul. 2023.

BERLYNE, Daniel E. A theory of human curiosity. *British Journal of Psychology*, New York: Wiley Online Library, v. 45, n. 3, p. 180-191, aug. 1954. Disponível em: <http://bitly.ws/MmZ3> Acesso em: 2 jul. 2023.

CABRAL, Umberlândia. De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões. Rio de Janeiro: **IBGE**, Agência de Notícias IBGE, Censo 2022, 28 jun. 2023. Disponível em: <http://bitly.ws/MmxS> Acesso em: 2 jul. 2023.

COIMBRA, Vinicius. Especialistas discutem as razões e o impacto das demissões em massa nas chamadas "big techs". Rio Grande do Sul: **GZH**, Ciência e Tecnologia, 17 fev. 2023. Disponível em: <http://bitly.ws/NDvi> Acesso em: 2 jul. 2023.

DAMÁSIO, António. *Descartes' error: emotion, reason, and the human brain*. New York: Avon Books, 1994.

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência : do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

DE BURGH, HUGO (Ed.). *Investigative Journalism: Context and Practice*. London: Psychology Press, 2000.

EVANGELISTA, Rafael (Coord.) *et al. Remuneração do Jornalismo pelas Plataformas Digitais*. Câmara de Conteúdos e Bens Culturais. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, CGI.br, 2023. Disponível em: <http://bitly.ws/MmJQ> Acesso em: 2 jul. 2023.

GRUNWALD, Ebbe; RUPAR, Verica. Journalism curiosity and story-telling frame. A comparative study of Australian and Danish newspapers. *Journalism Practice*, London: Taylor & Francis, p. 1-12, 2009.

HABERMAS, Jurgen. *The structural transformation of the public sphere*. Cambridge: Polity Press, 1989.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desemprego*. [s. l.]: IBGE, 2023. Disponível em: <http://bitly.ws/MmzI> Acesso em: 2 jul. 2023.

KONIDARIS, George. Scientists imbue robots with curiosity. Programming bots to explore gives them a leg up on learning. In: HUTSON, Matthew. **Science Magazine**, London: News Technology, 31 May 2017. Disponível em: <https://www.science.org/content/article/scientists-imbue-robots-curiosity> Acesso em: 2 jul. 2023.

LEMOS, Ronaldo. **Inteligência Artificial**. Expresso Futuro. Nova Iorque: Canal Futura, YouTube, 10 jul. 2017. Vídeo. (26 min). Disponível em: https://youtu.be/CM5_epaUje8 Acesso em: 2 jul. 2023.

LIMA, Alana; TALLMANN, Helena; LOSCHI, Marília; CÁSSIA, Rita. O desalento das pessoas que desistiram de procurar trabalho. **Revista Retratos**, Rio de Janeiro: Agência de Notícias IBGE, 1 jun. 2018. Disponível em: <http://bitly.ws/Mmzx> Acesso em: 2 jul. 2023.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Ato Presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Aldeia, 2016.

_____. **Atravessagem. Reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Autoria nas Narrativas (não relatos) da Ciência e do acontecer contemporâneo**. (Texto distribuído em sala de aula para os alunos/pesquisadores do Grupo de Pesquisa Epistemologia do Diálogo Social.) São Paulo: PPGCOM/USP, 2017.

_____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Jornalismo e signo da relação: a magia do cinema na roda do tempo**. Revista *Líbero*, ano X, nº 19, p.17-25, jun. 2007.

_____. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

_____. Novas manifestações, velhos paradigmas. **MATRIZES**, Ano 7, nº 2, p.37-47, jul./dez. 2013.

_____. O invisível à luz da experiência e da compreensão. In: KUNSCH, Dimas. **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. São Paulo: UNI, 2016.

_____. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1982.

MEDINA, Sinval. Prefácio. Travessia para o futuro. In: MEDINA, Cremilda. **Atravessagem. Reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014(a).

_____. **Tratado da Altura das Estrelas**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2014(b).

MILL, John Stuart. **A System Of Logic, Ratiocinative And Inductive**. 1882. (Vol. 1 of 2). The Project Gutenberg. eBook. [s. l.]: Gutenberg, 31 ago. 2008. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/26495/26495-pdf>. Acesso em: 2 jul. 2023.

PESSOA, Fernando. Poemas escolhidos. São Paulo: Globo, 1997.

PEUCER, Tobias. De relationibus novellis. 1690. In: ATWOOD, Roy; DE BEER, Arnold. The Roots of Academic News Research: Tobias Peucer’s “De relationibus novellis” (1690). *Journalism Studies*, London: Taylor & Francis, v. 2, n. 4, p. 485-496, 2001. Disponível em: <http://bitly.ws/NxSx> Acesso em: 2 jul. 2023.

PODER 360. Grupo Globo termina semana com pelo menos 40 jornalistas demitidos. Brasília: **Poder 360**, 7 abr. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/grupo-globo-termina-semana-com-pelo-menos-40-jornalistas-demitidos/> Acesso em: 2 jul. 2023.

RADSCH, Courtney C. **Making Big Tech Pay for the News They Use**. Washington, DC: Center for International Media Assistance / National Endowment for Democracy, jul. 2022.

SCHMITT, Frederick; LAHROODI, Reza. The epistemic value of Curiosity. *Educational Theory*, University of Illinois, EUA: Blackwell Pub, v. 58, n. 2, p. 125-148, 2008.

STEVENSON, Mitchell. **Understanding Media Cultures: social theory and mass communication**. London: Sage, 1995.

SUBMETIDO: 24/07/2023

APROVADO: 30/07/2023